



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração de unidades habitacionais do residencial Sebastião Celso de Carvalho e de entrega de ônibus do Programa Caminho da Escola

Aracaju-SE, 10 de junho de 2010

Hoje, pela quantidade de gente que já falou... Sabe como é que meu coração fica quando me chamam de “meu lindo”...

Eu vou economizar palavras, pela quantidade de gente que já falou, e vou economizar, aqui, na nominata. Não sei se o Marcelo Déda sabe, quando houve a Revolução do México, a primeira decisão do governo revolucionário foi abolir a nominata dos discursos. Eles diziam: “Cidadãos e cidadãs mexicanos” e fim de papo. Se eu for ler a nominata, com todo mundo aqui, eu vou perder cinco preciosos minutos do meu discurso.

Então, eu queria, cumprimentando o Marcelo Déda e cumprimentando o nosso querido Prefeito, eu quero cumprimentar todos os companheiros deputados, secretários, vereadores, ministros que estão aqui na tribuna.

E vou também tentar ser muito breve no meu discurso – Dedinha, pode pegar o que está escrito aqui, que eu não vou ler – e vou começar, Déda, por onde você terminou. Quando você falava do *crack*, tinha uma senhora ali que tinha levantado uma cartolina, e ela pedia para mim: “Presidente, ajude a cuidar do meu filho”. E eu até falei para a Eliane, para saber o que era que a mulher queria. E quando você começou a falar do *crack*, ela começou a chorar, possivelmente é porque o filho dela está envolvido com o *crack*. E eu acho, companheiro Marcelo Déda, que nós estamos diante de um problema da maior importância. E um problema que não existem ainda especialistas para cuidar, não se sabe ainda qual é o melhor tratamento para o *crack*.

Eu fiz uma reunião, há coisa de um mês atrás, com o Ministério da



Justiça, com o Ministério da Saúde, com o Ministério da Educação, com outros órgãos do governo federal, e nós estamos fazendo uma quantidade de coisas, separadas entre si, e tomamos a decisão de unificar todas as possibilidades de políticas públicas do governo federal para construirmos, junto com os governos estaduais e com os governos municipais, uma proposta de enfrentamento a essa questão do *crack* na vida da sociedade brasileira.

O *crack* é a droga de menor duração, os seus efeitos. Segundo alguns, algumas pessoas dizem que o efeito do *crack* é de 5 a 15 minutos. E não se sabe ainda quantas tragadas ele tem que dar para ser considerado um viciado definitivo. Dizem que é apenas uma tragada, depois de 15 minutos ele já está sentindo necessidade da segunda. E é uma droga perversa, porque é uma droga que chegou muito rapidamente aos pobres deste país, da periferia não apenas das capitais, mas das cidades pequenas do interior também. Então, o combate às drogas, Marcelo Déda, nós temos que construir o que nós vamos fazer. Daí porque, os meus agradecimentos, pelo fato de o governo de Sergipe ter lançado ontem, já, uma campanha para enfrentar essa questão do *crack*, aqui no estado de Sergipe.

Nós já disponibilizamos, no governo federal, R\$ 410 milhões para atender aos prefeitos que tiverem projetos e apresentarem os projetos, porque nós temos que construir clínicas especializadas, as pessoas têm que ser internadas mesmo, e nós não sabemos se a rede pública tem condições de dar conta desse problema. E pasmem: o *crack* é o subproduto do combate à cocaína. Na medida em que você criou dificuldades para a exportação de éter e de acetona para transformar a coca na cocaína, você criou as condições para que, na impossibilidade de produzir a cocaína, as pessoas vendam a pasta, grosseiramente trabalhada, que nada mais é do que o *crack* que está espalhado pelo mundo afora. Vou dar um exemplo para vocês: no Rio de Janeiro, o chamado crime organizado, os traficantes de drogas das favelas não permitiam que o *crack* entrasse nas favelas do Rio. Ele não entrava nas favelas



do Rio. E os traficantes não deixavam, porque, se entrasse, ia competir com a maconha, ou com a cocaína que eles vendiam. Então, o *crack* estava mais na periferia de São Paulo e outras periferias do país afora. Agora, também já entrou no Rio de Janeiro.

Então, nós... Eu assumi o compromisso, Marcelo, primeiro, de que nós vamos fazer uma reunião com todos os governadores dos estados, todos... vamos fazer uma reunião com todos os prefeitos das capitais, em um primeiro momento, eu vou fazer reunião com as centrais de movimento popular, com as centrais de favelas, com as centrais de trabalhadores, porque o combate ao *crack* não é uma coisa do governador, não é uma coisa da polícia, ou não é uma coisa do médico. Tem que ser um compromisso assumido pela sociedade brasileira. Todos nós temos obrigação de cuidar. A mãe que tem um filho com problema em casa precisa denunciar e nós não podemos tratar apenas como se fosse um caso de polícia. É, antes de tudo, uma questão de saúde, e nós precisamos tentar trabalhar para dar a esse jovem ou a esse menino a oportunidade de voltar a ter uma vida normal na sociedade.

Por isso, Eliane, parabéns pelo trabalho. Eu estou levando o filme, vou assistir no avião, agora, para Salvador, e eu espero que contribua para que a gente possa combater.

Uma coisa importante, Marcelo Déda, é que ontem eu encontrei com um grupo de deputados e, em Brasília, na Câmara dos Deputados, foi criada a Frente Parlamentar Anti-Crack [Frente Parlamentar Mista de Combate ao Crack]. Então, eu acho uma coisa importante, que aí não tem que ter partido, não tem que ter idade, não tem que ter origem e classe social, não tem que ter religião, é um problema que todos precisam trabalhar para a gente não permitir que essa praga venha atingir a esperança e o que nós estamos construindo neste país.

A segunda coisa, meus companheiros e companheiras, eu não vou falar aqui do que já falou o Fernando Haddad, do que já falou o ministro dos



Transportes, do que já falou o Marcelo Déda, o Edvaldo e tantos companheiros. Eu vou tentar dizer para vocês do momento que nós estamos vivendo no Brasil. Nós ainda temos muita coisa para fazer, nós estamos aqui inaugurando um conjunto habitacional que as casas já foram entregues por causa da chuva, foram entregues em abril, essas casas, e na nossa frente tem um conjunto de pessoas – 180 famílias – que moram ali, no manguezal, e que estão aqui em uma situação de degradação habitacional, repartindo espaço com ratos e baratas, e as crianças correndo o risco de ficar doentes. O que eu pedi para o Edvaldo e para o Marcelo Deda é que, quando a desgraça é muita, a gente vai pegando a desgraça pior e diminuindo. Se a gente tivesse casa pronta, já poderia... a gente tentar viabilizar a mudança, mas se não tem, eles ficaram de, em trinta dias, apresentar um projeto e a gente incluir o manguezal nessa área... De tirar vocês de lá, porque tem que sair de lá. Ambientalmente não é mais correto fazer a ocupação do manguezal e a gente arrumar um terreno e construir as casas para 180 famílias.

Ora, para quem está fazendo um milhão do Minha Casa Minha Vida, para quem está fazendo, já, para os próximos quatro anos, mais dois milhões de casas do Minha Casa Minha Vida, cento e oitenta a mais, cento e oitenta a menos, não vão fazer falta para ninguém. Eu tenho o compromisso do vice-presidente da Caixa, o companheiro Hereda, e tenho o sorriso da Maria Fernanda, agora, que é um sorriso de concordância com a casa. Então, agora é trabalhar. O Edvaldo e o Déda vão cuidar disso e eu espero vir para inauguração das casas de vocês.

Mas, o momento que nós estamos vivendo é assim... Eu queria agradecer àquela moça, porque ela está desde que eu cheguei aqui, pendurada ali, cai chuva, cai chuva e aquela moça pendurada com a camisa de São Cristóvão, mostrando a camisa de São Cristóvão. Eu tenho a minha, não vou colocar agora, porque eu estou de guaiabeira, se eu colocar por cima, eu vou ficar mais gordo do que eu estou ainda, mas posso lhe dizer que, no que



depende do Ministério da Cultura, no que depende do governo federal, nós iremos fazer para que a Unesco transforme São Cristóvão em patrimônio da Humanidade. Inclusive o Ministério da Cultura me parece que está colocando R\$ 40 milhões no Monumenta para a gente recuperar vários prédios históricos aqui, no estado de Sergipe. E também, os companheiros que estão ali com aquela faixa do UCA (Um Computador por Aluno). Nós escolhemos – que cidade que é, Marcio? Nós escolhemos, no Brasil, um grupo de cidades, acho que são 300 cidades, não é isso, Fernando? Acho que são 300 cidades no Brasil, cidades pequenas, e nós vamos distribuir gratuitamente 150 mil computadores que fazem parte do programa cada aluno, um computador [Um Computador por Aluno]. Esse é um projeto-piloto, é um projeto-modelo que a gente vai ver, depois de algum tempo, quais as falhas que ele vai ter. Aqui em Sergipe, eu acho que são seis cidades ou cinco cidades. Até Caetés, na minha Garanhuns, vai ter computador para todas as crianças. Então, é uma experiência que, se der certo, a gente vai trabalhar para que um dia toda criança possa ter um computador na escola, trabalhar e estudar muito mais do que estuda agora.

Por último, Marcelo Déda, dizer para você que eu saio da Presidência da República daqui a seis meses, menos de seis meses, com a convicção de que nós fizemos uma longa e árdua caminhada e que os resultados são excepcionais. Eu tenho consciência, Déda, que nem você, que diz ser meu amigo há 30 anos, nem você acreditava que nós pudéssemos fazer tudo o que nós fizemos. Às vezes... Porque, veja, a imprensa está aí, os nossos companheiros da imprensa, nós temos adversários, mas se a imprensa quiser, os adversários quiserem, podem escolher qualquer área que eles quiserem. Podem escolher ciência e tecnologia, habitação, saneamento básico, combate à pobreza, geração de emprego, investimentos em educação, o que eles quiserem, quilômetros de asfalto, megawatts, linha de transmissão, tudo o que



eles quiserem e comparar os oito anos nossos com 20 anos dos outros governos, podem comparar.

Aliás, aliás, nesse estado aqui, nesse estado aqui, que tem “cabra desaforado”, era importante fazer um levantamento: antes de mim, os outros presidentes, quanto de dinheiro trouxeram para este estado? Fazer uma comparação. Façam uma comparação: quanto dinheiro os outros presidentes colocaram aqui? Nós não estamos colocando aqui, porque Marcelo Deda é do PT ou porque Edvaldo é do PC do B. Não! Vá a São Paulo e pergunte para o Cassab, que é do DEM; vá a São Paulo e pergunte para o Serra, que é nosso adversário; vá ao Rio de Janeiro e pergunte para o prefeito anterior; vá a qualquer cidade. Não tem importância quem seja o prefeito e a que partido ele pertença. Quanto mais inimigo, procure e veja se algum dia os prefeitos deste país foram tratados com a dignidade que eu os trato lá em Brasília. E faço isso porque eu acho que a política brasileira está ficando empobrecida e, durante muito tempo, apodrecida, e que neste país se um prefeito fosse do partido que não era do presidente, morria de sede, morria a pão e água, não via nada. Se um estado fosse adversário do presidente, não via nada, nada. E eu quero que pergunte para a governadora do Rio Grande do Sul, sendo minha adversária, se faltou recurso para ela. Alagoas, está aqui perto, pergunte ao companheiro Téo se ele recebeu menos dinheiro do que Marcelo Déda. Porque eu aprendi, com muito sacrifício, que a gente pode fazer política sem perder o caráter, a gente pode fazer política sem perder a vergonha. Fazer política não é uma relação de um clube de amigos não, é uma relação civilizada entre um chefe de Estado da nação e um chefe de estado do estado. E a relação não é pessoal, é relação entre os entes federados. Eu não quero saber se o Déda gosta ou não gosta de mim, eu quero saber se o povo do estado precisa ou não daquela obra que está sendo pedida.

Então, eu acho que nós, nós estamos mudando o padrão da política brasileira. Não é uma coisa fácil. Eu falo isso com orgulho, porque eu tive que



passar por todos os desafios que um ser humano tem que passar. Vocês imaginam a quantidade de preconceitos a [de] que eu fui vítima. E, às vezes, às vezes, ô Déda, eu compreendo.

Em [19]89, eu perdi as eleições porque a parte mais pobre da população votou contra mim. Eu ia para o interior, eu encontrava gente da classe média que fazia assim para mim; eu encontrava um coitado, que estava com uma colher de pedreiro rebocando, ele fazia assim para mim. Eu ia para São Paulo, no interior, passava num pequeno proprietário rural, ele fazia assim para mim; passava no cortador de cana, ele fazia assim para mim. Eu sei por que eu perdi, porque esse pessoal tinha medo de mim. As pessoas falavam: “Ele vai tomar tudo que a gente tem, ele é comunista”.

Eu lembro que uma vez eu estava em Casa Amarela, em Recife, e eu fui visitar um barraco de uma mulher. A mulher tinha um barraco com menos de três metros quadrados, não tinha absolutamente nada, e ela falou: “Ah, eu não posso votar, porque você vai tomar tudo o que eu tenho”. Aí, eu fiquei chateado, eu fiquei chateado, mas aí eu fui para casa pensando: o que aquela mulher tinha que eu ia tomar dela? E, aí, eu me dei conta de que as pessoas têm valores diferenciados das coisas. Para mim, aquele barraco dela não era nada; para ela, era o máximo do máximo dela.

Eu fui, Marcelo Déda, eu fui entregar uma casa, Maria Fernanda estava comigo, eu fui entregar uma casa agora, também, em Recife. E eu estava dando uma bronca na Maria Fernanda, e estava dando uma bronca no Hereda, e estava dando uma bronca no ministro das Cidades. O tamanho da casa, 39 metros ou 38 metros [quadrados]. Eu estava puto da vida, se não podia fazer um pouquinho maior. E estava dando [bronca], aí chega a dona da casa. Ela falou: “Presidente, não fique nervoso não, Presidente, porque essa casa, diante da casa que eu morava, eu estou no céu, Presidente. Isso aqui é um palácio”. E, aí, ela me abraçou e começou a chorar e falou: “Eu estou chorando, e vou pedir desculpas, porque eu nunca votei no senhor”. E ela disse que não votava



porque na época de eleição os deputados iam lá e falavam que o Lula era do diabo, que o Lula era do demo, que o Lula era comunista e não votava; que eu tinha barba, que eu não tinha dedo, que eu era analfabeto, que eu era... Aí, então, uma coisa que nós vencemos, e eu acho que esse é o grande legado que nós vamos deixar para o Brasil, é fazer a parte mais pobre da população, aquela que durante cinco séculos aprendeu que ela não podia nada, nós ensinamos a ela: “Você pode, é só você querer. Você pode e pode tudo”. Então, eu acho que esse é o grande legado. Mas além do grande legado, se as coisas não estivessem dando certo, não é por ser pobre que as pessoas iam gostar de mim, não é porque fui metalúrgico que as pessoas iam gostar de mim. As pessoas gostam porque percebem que as coisas estão acontecendo. Hoje, o brasileiro sente mais orgulho de ser brasileiro do que em qualquer outro momento, e eu digo com orgulho – era o Fernando Haddad que deveria dizer, mas ele não disse –, então eu digo com orgulho: precisou chegar na Presidência da República um presidente que não tem diploma universitário para ser o presidente que mais fez universidades neste país, mais fez escolas técnicas.

Agora, eu me pergunto é por que os outros não fizeram, eles eram tão sabidos. Eu conheço um reitor, Fernando Haddad, eu conheço um ministro da Educação que tinha sido reitor. Eles sabem tudo, por que não fizeram? Sabe por que não fizeram? Porque eles não tiveram dificuldade na vida, não tiveram dificuldade. Então, eles convivem, Marcelo Déda, eles convivem no meio ambiente de pessoas que fizeram universidades, são todos iguais, eles não têm nenhuma obrigação de saber que tem uma parcela diferente da sociedade. Tem uma parcela que não fez, não é porque não quis, é porque não pôde. Veja, esse Fernando Haddad é muito humilde, mas foi esse menino que criou o ProUni. O ProUni, Marcelo Déda, o ProUni tem este ano, até agora, 706 mil alunos estudantes. Este ano, nós vamos entregar os primeiros 540 diplomas para alunos do ProUni que se formaram em Medicina. Quem imaginava, quem



imaginava um filho de pobre neste país estudar Medicina? O curso de Medicina custa pelo menos R\$ 5 mil e nós temos 540 mulheres e homens da periferia, todos estudantes de escolas públicas, que vão ser doutores e que vão ganhar um jaleco de presente para exercer a sua função. Na verdade, o Paulo Freire dizia que não existe ninguém burro, ou seja, quando a pessoa come e a pessoa tem oportunidade, todo mundo é inteligente, todo mundo é inteligente.

Vocês estão lembrados que, quando nós criamos o ProUni, escreveram em manchetes de jornais: “Lula nivela a educação por baixo”, ou seja, nós estamos reduzindo o nível da educação, porque estamos colocando o pobre em universidades. Depois de três anos, na primeira avaliação do Ministério da Educação, em 15 áreas, os melhores alunos eram exatamente os pobres do ProUni. Eram exatamente, porque tiveram oportunidade. E eu, Déda, eu repito as coisas porque a imprensa de Sergipe não estava comigo ontem, em Fortaleza, não estava comigo em Natal, e eu vou dizer algumas coisas, por que o mundo e o Brasil estão mudando.

Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro de 2008, quando a gente lia as manchetes de jornais “que o mundo ia acabar porque o povo não estava consumindo, porque a economia ia quebrar, o povo ia perder o emprego” e, portanto, o povo não comprava. No dia 22 de dezembro de 2008, fui para a televisão fazer um pronunciamento de oito minutos, e fui fazer a apologia do consumo. Eu, que a vida inteira fui contra o consumismo, fui para a televisão dizer para o povo pobre: olhe, você está com medo de comprar, fazer dívida e perder o emprego e não poder pagar. Então, eu queria lhe dizer: se você não comprar, aí sim é que você vai perder o emprego, porque a empresa não vai produzir, porque a loja não vai vender, você vai perder o emprego e vai piorar a situação.

Veja que coisa interessante, veja que coisa interessante: na pesquisa feita pelo IBGE, no ano passado, sobre o consumo, as classes D e E do Nordeste, que ascenderam para a classe C, consumiram mais do que as



classes A e B da região Sul do nosso país.

Então, essa é uma coisa que a gente precisa saber, Déda, porque antigamente... Albani, você que é empresário precisa ouvir isso: antigamente, o dinheiro do BNB não existia. O BNB, em 2002, em 2002 o BNB emprestou R\$ 262 milhões e teve 37% de inadimplência. No ano passado, o BNB, que tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões, emprestou R\$ 22 bilhões e teve apenas 3,3% de inadimplência. Às vezes... Eu conheci um programa que eu queria que vocês conhecessem, chamado Programa Agroamigo. Com R\$ 1 bilhão e 300 milhões, nós estamos financiando 1 milhão de pessoas. Veja, Déda, esse é um dado que precisa ser lembrado, para vocês ficarem alerta: com R\$ 1 bilhão e 300 milhões nós estamos ajudando 1 milhão de famílias a viver por conta própria. E todo mundo sabe que, às vezes, a gente empresta 1 bilhão para uma única pessoa fazer uma única fábrica, que vai gerar 200 empregos, 150 empregos, 300 empregos. Ora, eu acho que a gente tem que ajudar essa empresa também, mas o que eu quero dizer é que quando a gente dá pouco dinheiro para muitos, a gente está fazendo distribuição de renda; quando a gente dá muito dinheiro para poucos, a gente está fazendo concentração de riqueza e aumento da miséria no nosso país.

Agora, veja, está lá a nossa Caixa Econômica, a nossa Maria Fernanda, simpática, elegante. Mas a Caixa Econômica, em 2002, era como um elefante que estivesse machucado: grande e pouco útil. A Caixa Econômica Federal, em 2005, emprestou R\$ 5 bilhões. Sabe quanto emprestou no ano passado, Albano? R\$ 47 bilhões, nove vezes mais, nove vezes mais. E, este ano, eles querem emprestar R\$ 55 bilhões.

O BNDES, que tem aquele nome pomposo, Banco Nacional de Desenvolvimento [Econômico e] Social, o BNDES, quando emprestava muito, emprestava US\$ 38 bilhões, para os mesmos empresários, eram sempre os grandes que pegavam. O ano passado, o BNDES emprestou R\$ 139 bilhões. E o que é importante, até os catadores de papel de São Paulo ganharam



financiamento de R\$ 200 milhões do BNDES. O BNDES está financiando essas carrocinhas elétricas que Itaipu está produzindo, para os catadores de papel andarem empurrando, não com a mão mais, apertando um botão e a bateria vai dirigindo o carrinho deles. Duzentos milhões nós financiamos. Essa é uma coisa extraordinária. O Banco do Brasil, com o Desenvolvimento Regional, com o DRS, o Banco do Brasil tem mais de 1 milhão de pequenos proprietários aí, recebendo ajuda.

É este país que não aparece na imprensa, é este país que não aparece na televisão, é este país que muita gente tenta esconder. E, aí, quando faz pesquisa, que o Lula tem 86%, é este país que está dando essa popularidade ao nosso governo. Não é o chamado “país do formador de opinião pública”. Porque houve um tempo, Déda, que inventaram um tal de “formador de opinião pública”, era um cidadão que colocava uma gravata, ia à televisão, falava quantas... sabe? É formador de opinião pública. E essa moça da Central do Desenvolvimento Popular que veio aqui, bonita e elegante, não é formadora de opinião pública.

Então, as pessoas não percebem que o povo está ficando mais sabido, mais inteligente. O povo não quer mais intermediário, o povo quer falar pela sua boca, pensar pela sua cabeça, enxergar pelos seus olhos e tomar a decisão por conta própria. O povo está ficando... Onde é que já se viu o pessoal aqui, do Manguezal, que estava ali se molhando, ficar aqui na frente, tão pertinho do Presidente, assim? Tão pertinho! Em outros tempos, em outros tempos... Mas nem aqui você estava. Sabe por quê? Porque nós descobrimos que ser presidente da República é uma coisa muito passageira, não é profissão, é quase um sacerdócio. O que é importante é, quando terminar o mandato, eu poder encontrar com essa companheira em algum lugar e ela não virar as costas para mim e falar: “Companheiro Lula, obrigada”. E eu dizer: “Obrigado, companheira”.



Essas coisas é que contam na política nacional, e é isso que uma parte da elite brasileira não quer saber. Eles não querem entender que está mudando. E mudou, mudou. As mulheres, hoje, as mulheres... Eu sou de um tempo... Eu fui formar, agora, 10 mil jovens do ProJovem, 10 mil pessoas que estavam em um estádio. Dessas 10 mil pessoas, 60% eram mulheres, e 60% eram meninas que já tinham tido filho, e que elas estavam vendo no ProJovem a oportunidade de elas voltarem a conquistar a cidadania que elas não tinham. E se a gente não estende a mão, a desgraça estende a mão; se a gente não estende a mão, a desesperança estende a mão, e aí, é um caso perdido para a sociedade. Portanto, eu, quando deixar a Presidência da República, eu vou ficar pensando o seguinte: quando eu cheguei, dia 10 de março, eu mandei o Banco do Brasil... Eu mandei o Ministro da Fazenda, o Palocci, me dar uma informação de quanto a gente tinha de crédito no Brasil. E o Brasil inteiro, 190 milhões de habitantes, 8,5 milhões quilômetros quadrados, todo o sistema financeiro brasileiro, nós tínhamos de crédito R\$ 380 bilhões. Eu, um socialista moderado, ficava dizendo: “Meu Deus do Céu, como é que os meus adversários são capitalistas, dizem que o Brasil é um país de economia capitalista e que, primeiro não tem capital, segundo não tem crédito, terceiro não tem financiamento”. O capitalismo não pode dar certo e muito menos o socialismo se não tiver crédito, se não tiver dinheiro para investir.

Pois bem, sabe quanto o Brasil tem de crédito hoje, companheiro Marcelo Déda? Saímos de R\$ 380 bilhões para R\$ 1,5 trilhão de crédito. Eu estava vendo aqui, uma grande empresa do Nordeste, a Queiroz Galvão, mas eu estou citando a Queiroz Galvão porque é uma grande empresa que vai participar do consórcio de Belo Monte. Mas você pode pegar as empresas de construção civil de Sergipe, pode pegar todas, Déda. Pode pegar as empresas de construção civil. Pode pegar as de Pernambuco, pode pegar as do Amazonas, pode pegar do Acre, pode pegar do Rio Grande do Sul, pode pegar as grandes, as médias e as pequenas. Eu duvido, e falo aqui, falo aqui olhando



para a imprensa: eu duvido que todas essas empresas já tiveram a quantidade de trabalho que tem no nosso governo. Duvido, duvido que elas já tenham ganho a quantidade de dinheiro que ganharam em nosso governo. A gente não tinha nem engenheiro, nem engenheiro, Déda. Engenheiro se formava em Engenharia e ia trabalhar de analista do sistema financeiro, porque esse país ficou 25 anos sem construir obras. Eu, se perguntasse aqui, qual é a grande obra que você sabe que fez o Figueiredo? Qual foi a grande obra que fez o Fernando Henrique Cardoso? Qual foi a grande obra que fez o Sarney? E não é que eles não queriam fazer, gente, é que o país tinha se endividado muito, em [19]75, nós tomamos muito dinheiro em dólar emprestado, porque estava barato. Aí, o homem do Tesouro Americano, um tal de Paul Volcker, que voltou agora, esse homem tinha emprestado muito dinheiro em dólar para o Brasil, a Europa tinha emprestado muito dinheiro. Aí, o dólar estava a 3% de juros e elevaram para 21% os juros para resolver o problema fiscal nos Estados Unidos e aí nós entramos em uma fase desgraçada em que todos nós já carregamos faixa: “Fora daqui, o FMI!”, não é isso?

Foram 20 anos em que esse país não fez uma estrada, não fez uma ponte, a única hidrelétrica foi a de Xingo, que já estava pronta de outros pedaços, ou seja, o Brasil ficou atrofiado, as empresas de construção civil foram investir na Argentina, no Equador, no Peru, em vários lugares e não no Brasil. Não tinha obra. A Caixa Econômica diminuiu os investimentos em casas, o saneamento básico ninguém fazia, porque, no Brasil, os políticos não gostavam de fazer drenagem e nem saneamento básico, porque não dá para colocar o nome da mãe em uma manilha. Tem que colocar em uma ponte, e as pessoas... As pessoas não percebem, as pessoas não percebem que não tem nada mais forte do que a imagem de uma criança brincando numa rua que não tenha esgoto a céu aberto, mas as pessoas não investiram em esgoto. E pode pegar, pode fazer um levantamento de 100 anos. Eu duvido que nesses 100 anos alguém investiu em saneamento básico 30% do que nós investimos em



oito anos, duvido. No máximo, se coletava e jogava esgoto *in natura* dentro do mar, mas não tinha tratamento para jogar o esgoto tratado.

Então, eu tenho consciência, Marcelo Déda, companheiros, de que quando eu deixar [a Presidência] e encostar a cabeça no travesseiro, eu vou ter certeza de que cumpri uma missão. Sabendo que ainda falta muita coisa, muita, mas muita coisa. Para a gente recuperar o século XX, não vai ser em oito anos do século XXI, vai precisar mais anos e mais gente comprometida com essa situação.

Então, este país vive um momento, eu diria, bom. A gente vai ter uma Copa do Mundo; a gente vai ter uma Olimpíada; a gente vai ser a quinta economia do mundo dentro de seis ou sete anos; o Brasil, lá fora, hoje, é respeitado; as pessoas sabem que este país é um país que tem que ser levado a sério. O Obama só cometeu um erro, de achar que eu era “o cara”. Não, eu sou o Presidente, “o cara” são os 190 milhões de brasileiros que têm orgulho, que têm alma e que querem construir este país.

Por isso, companheiro Marcelo Déda, eu... todo ato que eu participo agora é o último, todo ato é o último, é o último, já estou ficando com saudades, já estou ficando. E eu já estou pensando: quando eu terminar, o que eu vou fazer? Eu vou querer tomar um banho de praia que eu não consegui tomar, tomar uma cervejinha sem ninguém me encher o saco e dizer: “O Presidente está bebendo”. Tomar uma geladinha, porque filho de Deus tem direito de tomar uma geladinha à beira de praia. Espero que o Prefeito e o Governador me convidem para vir a Atalaia comer um caranguejinho, uma casca de caranguejo. Mas tem que limpar o caranguejo! Não, porque tem um problema, tem um problema: é que lá em São Paulo, para a gente comer caranguejo, a gente compra o bicho, tem gente que não quer matar dentro do caldeirão, então enfia uma chave de fenda na barriguinha do bicho, que ele morre na hora. Dizem que com a chave de fenda, ele perde, solta uma enzima, então, tem que ser na panela, fica mais gostoso. Mas lá, para a gente jogar na



panela, a gente mata o bicho, depois pega uma gilete, tira todo aquele pelinho dele, todo aquele pelinho dele, depois a gente pega, abre aquele negócio, tira tudo aquilo que é amarelo, que a gente acha que é outra coisa e vocês acham que é gordura: “Isso aqui é sustança”. O Marcelo Déda chega a comer que os beijos ficam sujos daquele... Nós limpamos tudo com escova, nós comemos apenas a essência. Mas aqui a gente ainda tem que quebrar com o martelinho, assim, e tomar.

Então, Marcelo Déda, eu tenho fé em Deus que, sem nenhuma preocupação com a roupa que eu vou estar, sem nenhuma preocupação se o jornalista está fotografando ou não, eu quero sentar, com uma sunga especial que eu vou comprar, e vir aqui à Praia do Atalaia tomar uma bela de uma cerveja, comer um belo de um caranguejo e poder tirar proveito que eu não consegui tirar até agora. E dizer para vocês: tenham certeza de que eu vou continuar fazendo política. Se alguém pensa: “Ah, o Lula vai parar”. Não, eu vou parar de ser Presidente, mas política está aqui no meu sangue e eu vou continuar viajando este país e tentando ajudar este país a melhorar.

Que Deus abençoe todos vocês. E obrigado pela tolerância de ficar aqui, embaixo dessa chuva, até agora. Um abraço.

(\$211A)